

ve do Açúcar

RUBEM BRAGA

15 MILHÕES

DIZEM os jornais que na reunião presidida pelo ministro Negrão de Lima o sr. Paulo Poock Correia, diretor da Carteira de Câmbio do Banco do Brasil, «trancou, praticamente, as portas a um financiamento direto em dólares, por parte do BB, aos grupos particulares brasileiros que se interessam pela exploração do petróleo boliviano».

Isso não é de admirar. Como diretor da Carteira de Câmbio esse senhor só pode informar o que informou: que estamos com fome de divisas, e não vemos no horizonte nenhum sintoma efetivo de melhoria nesse sentido; que não é prudente gastar escassíssimas divisas em um negócio ariscado de particulares, etc., etc. Dizendo essas coisas, esse diretor de Carteira está no seu direito, e até no seu dever. Mas o parecer do sr. Poock não basta para que o governo tome uma decisão em um assunto que vai muito além das perspectivas de um diretor de Carteira. Pode-se dizer ao sr. Poock: está muito bem, mas dê um jeito de reservar 15 milhões de dólares, nesses três próximos anos, para financiar esses trabalhos de pesquisa.

E que acontecerá? O sr. Poock, como diretor de Carteira, reservará esses 15 milhões de dólares — porque não é crível nem admissível que não o possa fazer. Quinze milhões de dólares é, na verdade, muito dinheiro. Eu, por mim, não disponho dessa importância na praça de Nova York, no momento. Para o país, entretanto, dispor de 15 milhões em três anos pode ser um pequeno sacrifício, mas não vai além disso.

Valerá a pena esse pequeno sacrifício? Creio que dentro do próprio espírito da política brasileira em Roboré essa pergunta nem sequer cabe. Se pleiteamos junto à Bolívia, e o conseguimos em troca de outros direitos, explorar certa zona petrolífera com «capitais privados exclusivamente brasileiros», como vamos agora pedir à Bolívia que permita a esses particulares brasileiros que se associem a formas estrangeiras? Tentamos em vão conseguir que a Petrobrás pudesse entrar no negócio; não foi possível, porque a lei boliviana não admite a concessão a uma empresa estatal estrangeira. Por que não facultamos agora aos particulares brasileiros as divisas que a Petrobrás totalmente teria de consumir?

Permitir a associação de capitais estrangeiros a firmas brasileiras nessa fase inicial de pesquisa é, em primeiro lugar, nos arriscarmos a uma recusa formal, redonda e justa, por parte da Bolívia, a cumprir o que combinou em Roboré. Mas ainda que a Bolívia concordasse, isso não atenderia ao interesse nacional brasileiro, pois, disfarçadamente ou não, esses grupos brasileiros se tornariam a curto prazo meros testas de ferro de grupos estrangeiros. E' o que reconhecem comentaristas tão conservadores e insuspeitos de nacionalismo a outrance como o do «Boletim Cambial» em sua edição de 26 de dezembro.

Que o governo se disponha ao sacrifício, afinal não tão grande, dessas divisas, e que os particulares brasileiros que efetivamente se dispuserem a isso arrisquem seu dinheiro no negócio. Para empacar diante de 15 milhões de dólares é que não valeria a pena termos perdido tanto tempo e discurso para brincar de Nação no Continente.